

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

**A INCLUSÃO DE CRIANÇAS SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO  
FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE SALTO DE PIRAPORA-SP**

**DANILO MIANTI GOES**

**POLO DE VOTORANTIM**

**JUNHO/2011**

**A INCLUSÃO DE CRIANÇAS SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO  
FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE SALTO DE PIRAPORA-SP**

The inclusion of children with Down syndrome in elementary school in the city of Salto  
de Pirapora- SP

**ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patricia Dalzoto**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal  
do Paraná, como parte das  
exigências do curso de  
Especialização em Genética para  
professores do Ensino Médio, para  
obtenção do título de Especialista.

**POLO VOTORANTIM**

**JUNHO/2011**

## **RESUMO**

O presente estudo visou a conhecer a situação escolar dos alunos com síndrome de Down que frequentam o Ensino Fundamental I e II das escolas da rede municipal da cidade de Salto de Pirapora – SP. Participaram desta pesquisa seis alunos com síndrome de Down, da rede municipal de ensino do município de Salto de Pirapora-SP, distribuídos nas seguintes séries: 4ª, 5ª, 6ª e 7ª, sendo dois alunos do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idades variando de 10 a 13 anos, totalizando seis alunos. Os alunos foram identificados por apelidos escolhidos por eles, mantendo o anonimato dos participantes da pesquisa (Neto, João, Maria, Joana, Nina e Tita). Participaram também quatro professores da rede municipal. O estudo em duas escolas da rede municipal com alunos que possuíam síndrome de Down. Os resultados apontaram que os alunos participantes deste estudo chegaram à escola regular, em sua grande maioria, com passagem pela classe especial e, nas escolas regulares. A pesquisa mostrou que esses alunos necessitam de um maior tempo para a realização das tarefas, ensino individualizado, adequação curricular, e que as escolas sejam melhor estruturadas para se tornarem inclusivas e também uma melhor formação dos professores para que saibam trabalhar com alunos desta síndrome.

**PALAVRAS-CHAVE:** Síndrome de Down, Inclusão escolar, Professor, Escolas do Ensino Fundamental.

## **ABSTRACT**

This study aimed to ascertain the situation of pupils with Down syndrome attending primary school I and II of the municipal schools of the city of Salto de Pirapora - SP. We analyzed six students with Down syndrome, the municipal schools in the city of Salto de Pirapora-SP, distributed in the following series: 4th, 5th, 6th and 7th, two students were male and four female, with ages ranging from 10 to 13 years, a total of six students. Students were identified by nicknames chosen by them, maintaining the anonymity of survey participants (Neto, John, Mary, Jane, Nina and Tita). Also participating were four teachers

from the city. The study in two schools in the city with students who had Down syndrome. The result showed that students participating in this study came to school regularly, mostly, passing through the special class and mainstream schools. Research has shown that these students need more time to perform tasks, individualized teaching, curricular adaptation, and that schools are structured to become more inclusive as well as better training of teachers to students who can work with this syndrome.

**KEYWORDS:** Down syndrome, Inclusion school, Teacher School of Basic Education.

## 1.INTRODUÇÃO

A Inclusão de crianças Síndrome de Down nas escolas de Ensino básico é um dos temas que vem sendo discutidos atualmente no Brasil e no mundo. Entretanto, a discussão desse tema vai além das esferas educacionais e legais, abrangendo toda a sociedade e a mídia em geral, sendo, então, um assunto atual e de grande relevância.

Através do contexto e da reflexão, que as pessoas tomam consciência da problemática e podem contribuir para a inclusão social. Com a obrigatoriedade, gratuidade, igualdade e permanência do aluno garantido em lei, à instituição escolar abre suas portas aos alunos com necessidades especiais. Neste sentido, a escola traz idéias voltadas para a valorização do ser humano, do que é diferente aos olhos do que se acha normal e luta pelo fim do preconceito. Por isso, o tema se faz muito importante e propício nos dias atuais de uma pedagogia inclusiva. Inclusão significa parceria, reconhecer o outro, aceitar e ser aceito.

A escola jamais poderá trabalhar esse processo de forma isolada, ou seja, precisa da contribuição tanto da família como da sociedade. A família é o primeiro e o mais importante contato da criança com Síndrome de Down com o mundo e suas relações, dando-lhe suporte para a ampliação do contato social com os elementos da sociedade juntamente com a escola num movimento integração. A palavra incluir significa abranger, compreender, somar e é nisso que deve se pensar quando se fala em inclusão de pessoas com deficiência, é

trazer para perto, dar a ela o direito de ter as mesmas experiências, é aceitar o diferente e também aprender com ele. É importante se discutir esse assunto, pois a inclusão é um direito garantido por lei a todas as pessoas com algum tipo de deficiência e incluir crianças deficientes mais do que cumprir uma lei é permitir que ela se insira na sociedade em que mais tarde precisará conviver, é não deixá-la alienada e despreparada para uma realidade que também é sua. É direito da criança com Síndrome de Down frequentar a escola e fazer parte da sociedade, pois existem leis que asseguram o direito e dever de todos os cidadãos de aprender.

A Organização das Nações Unidas (ONU) e outros órgãos internacionais iniciaram em 1990 discussões acerca do problema dos marginalizados na educação, ou seja, pessoas com necessidades educacionais especiais que estavam fora do plano nacional de educação. Então, foram apresentadas estatísticas que comprovaram a discriminação e o movimento ficou conhecido como Movimento de Educação para todos.

Segundo Mills (2003) somente em 1994, com a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, Espanha, é que o assunto ocupou lugar de destaque. A Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais procurou atender e garantir a todas as crianças, principalmente crianças com necessidades especiais o acesso às oportunidades de educação com qualidade. Segundo Mills (2003, p. 253) “Atualmente, no ensino regular, a criança deve adequar-se à estrutura da escola para ser integrada com sucesso. [...]”. Nos dias atuais é percebido que o correto dentro da proposta de inclusão é mudar o sistema e não a criança ter que mudar e se adaptar as regras rígidas estabelecidas e inflexíveis. Porque no ensino inclusivo, a estrutura escolar é que deve ajustar as necessidades de todos os alunos, assim, favorecer a integração e o desenvolvimento de todos, crianças com ou sem necessidades educacionais especiais. A criança com Síndrome de Down inclusa na escola de ensino regular tem grandes chances de melhor se desenvolver porque esse ambiente para ela certamente será mais desafiador, do que para os outros alunos sem deficiência, e é isso que vai servir de estímulo para que ela se desenvolva. Os estudos a respeito da deficiência mental mostram que a trajetória através dos tempos, em relação à pessoa com síndrome de Down, é

permeada por mitos, preconceitos e segregação. Por suas características físicas, como olhos arredondados e puxados para cima, baixa estatura, orelhas e mãos pequenas, eram chamados de mongolóides, devido a algumas semelhanças físicas com os povos da Mongólia.

Duarte (2003, p.21) retoma as descrições de Schwartzman (1999) quanto às diferentes denominações da síndrome de Down, isto é: “[...] imbecilidade mongolóide, idiotia mongolóide, cretinismo furfáceo, acromicria congênita, criança mal-acabada e criança inacabada”. A educação desses alunos, até bem pouco tempo, ocorria de forma exclusivamente segregada, em classes e escolas especiais, sob a responsabilidade de professores especializados. As políticas públicas garantem o acesso de todos os alunos à escola. Apesar disso, muitos não têm sua aprendizagem garantida e estão chegando à idade adulta sem conseguir ler, escrever, interpretar e compreender a escrita. A construção de uma sociedade inclusiva passou a ser um ponto fundamental para o desenvolvimento da democracia, sendo a educação inclusiva parte fundamental desse processo. Os alunos com essa síndrome representam desafio e dificuldade para o professor, pois carregam características biológicas, físicas e cognitivas que tendem a incomodar e, muitas vezes, frustrar o trabalho dos professores. A sociedade tem uma visão permeada por mitos, preconceitos e segregação em relação aos alunos com síndrome de Down. Por isso existem conceitos de que esses alunos apresentam incapacidade intelectual, não tendo condições de aprendizagem e socialização dentro do contexto escolar.

A síndrome de Down é uma alteração genética que ocorre na formação do feto mais especificamente no período de divisão celular. A maioria dos casos de portadores da trissomia do 21 é causada pela não-disjunção, resultando em um cromossomo extra. Os demais pacientes possuem anormalidades cromossômicas que apresentam um número normal de cromossomo, porém a alteração é do tipo translocação, e mosaicismos, o qual, algumas células possuem o cariótipo normal, contendo aberrações cromossômicas; no entanto este último tipo é raro com ocorrência aproximada de 1 a 2%. (THOMPSON, 1993).

## 2. OBJETIVOS

O presente estudo visou a conhecer a situação escolar dos alunos com síndrome de Down que frequentam o Ensino Fundamental I e II das escolas da rede municipal da cidade de Salto de Pirapora – SP.

## 3. METODOLOGIA

Participaram desta pesquisa seis alunos com síndrome de Down, da rede municipal de ensino do município de Salto de Pirapora-SP, distribuídos nas seguintes séries: 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup>, sendo dois alunos do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idades variando de 10 a 13 anos, totalizando seis alunos. Os alunos foram identificados por apelidos escolhidos por eles, mantendo o anonimato dos participantes da pesquisa (Neto, João, Maria, Joana, Nina e Tita). Participaram também quatro professores da rede municipal. O estudo em duas escolas da rede municipal com alunos que possuíam síndrome de Down.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apontaram que os alunos participantes deste estudo chegaram à escola regular, em sua grande maioria, com passagem pela classe especial e, nas escolas regulares. Acredita-se que a classe especial, por não ter seriação e tampouco exigir avaliação para verificar a aprendizagem desses alunos, acabou tendo efeitos prejudiciais no processo de inclusão escolar, pois não proporcionou a base de conhecimento que um currículo de escola regular exige.

Entre os alunos, a **Joana** e o **Neto** não estão com defasagem idade/série estão na 7<sup>o</sup> série, enquanto os demais estão com idades entre 10 a 13 anos frequentando a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> etapas do Ensino Fundamental. Os alunos **Nina, Tita João e Maria**, perderam a seriação normal e da classe especial foram diretamente para a 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries, respectivamente.

Foi constatado no presente estudo que, embora esses alunos se saiam melhor na aprendizagem com mediação, estão sem esse apoio na escola, e alguns estão conseguindo equiparar-se a alguns colegas sem essa síndrome. E embora com dificuldades e “lentos”, estão em sala de aula estão tendo progressos aprendem num ritmo diferente das outras crianças mais isso não significa que ele não vai aprender, e sim que ele necessita de mais estímulos do que as outras crianças para chegar à aprendizagem.

Esta pesquisa possibilitou compreender a situação de aprendizagem escolar desses alunos e verificou os ganhos significativos não só no desenvolvimento social, mas também no cognitivo. Foi possível notar que os professores observaram pontos comuns na situação de aprendizagem desses alunos, havendo a necessidade de utilizar mais tempo para a realização das tarefas, a necessidade de um ensino mais individualizado, a necessidade de adaptação curricular, os conteúdos dados devem ser transmitidos de forma dosada para evitar o cansaço e a mudança na forma de transmiti-los.

Notou-se também a necessidade de estimulação e o uso de material concreto, pois conceitos abstratos tornam-se bastante difíceis para eles. Segundo Mazzotta (1989), as pessoas com deficiência requerem modificações no programa educacional para que possam aprender e desenvolver-se.

Portanto, em relação à inclusão, ainda fica difícil essa forma personalizada de ensinar, pois no momento as escolas brasileiras enfrentam salas superlotadas e professores com pouca formação, tornando-se difícil tal atendimento. As escolas regulares devem articular-se com o ensino especial, no sentido de obter o suporte necessário para garantir que os alunos com deficiência consigam aprender os conteúdos que o currículo do ensino regular exige.

Dessa forma, um dos caminhos possíveis para a construção de uma escola inclusiva, que garanta a aprendizagem dos conteúdos a todos os alunos, é o trabalho colaborativo entre professor, a família e outros profissionais da educação. A criança com Síndrome de Down inclusa na escola de ensino regular tem grandes chances de melhor se desenvolver porque esse ambiente para ela certamente será mais desafiador, do que para os outros alunos sem deficiência, e é isso que vai servir de estímulo para que ela se desenvolva.

A educação de crianças com Síndrome de Down, apesar de sua complexidade, não invalida a afirmação de quem tem possibilidade de evoluírem. Com o devido acompanhamento, poderão tornar-se cidadãos úteis à comunidade, embora seus progressos não atinjam os patamares das crianças normais. (SCHWARTZMAN, 1999, p.262).

Fazer com que crianças com Síndrome de Down sejam incluídas não é uma tarefa fácil, levando-se em conta que se vive em uma sociedade onde os estereótipos falam mais alto do que os direitos humanos.

Acredita-se que o presente trabalho contribuiu com conhecimentos na área da educação, uma vez que trouxe novos dados em relação à importância da mediação no trabalho com esses alunos para o progresso da aprendizagem escolar e também a possibilidade de reflexões em torno de sua situação escolar e a de alguns professores do Ensino Fundamental da rede municipal do município de Salto de Pirapora-SP. É preciso estruturar melhor as escolas do presente estudo para se tornarem inclusivas, pois estas precisam rever as suas formas de atuação, para melhor oferecer um ensino com equidade de modo que adquiram autonomia e sentam-se parte do sistema educacional e social.

Segundo Voivodic (2004) a inclusão não pode continuar a ser vista como uma utopia, não é um modismo e não está ligada apenas às escolas. A inclusão é um processo social maior, que engloba a educação inclusiva, estando vinculada a respeito a direitos humanos.

A inclusão só deixará de ser um sonho, quando todas as pessoas com algum tipo de deficiência tiverem de fato as mesmas oportunidades, seja na educação ou no trabalho, em todos os campos em que a sociedade nos permite estar.

## **5. CONCLUSÕES**

Os alunos síndrome de Down para ter o progresso na aprendizagem escolar precisam de reflexões em torno de sua situação escolar e a de professores do Ensino Fundamental I e II estes precisam de uma formação especializada para trabalhar com alunos portadores desta síndrome. Isso significa melhorar o processo de inclusão escolar desses alunos, talvez introduzindo novos conceitos de como trabalhar com alunos portadores dessa

síndrome. Portanto, é preciso estruturar melhor as escolas do presente estudo para se tornarem inclusivas, pois estas precisam rever as suas formas de atuação, criar propostas pedagógicas para melhor oferecer um ensino com equidade de modo que adquiram autonomia e sentam-se parte do sistema educacional e social.

A inclusão social precisa ganhar cada vez mais espaços nas instituições educacionais e na sociedade. Para que esta seja efetiva, fica evidente a necessidade do apoio de políticas específicas na conscientização da população e que sejam realmente implantadas na sociedade, com o intuito de incluir as pessoas com necessidades especiais na rede regular de ensino. A família é outro fator importante na mediação das relações da criança Down com todos os outros ambientes, desse modo, conhecer como se processam as interações e relações familiares, possibilita e auxilia o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança no meio escolar. O mútuo apoio entre escola e família, em uma parceria afetiva, solidária e pedagógica, facilita os processos de inclusão da criança no ensino regular e na sociedade.

## **6- BIBLIOGRAFIA**

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça. Secretaria de Direitos Humanos. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. 2. ed. Brasília: CORDE, 1997.

DUARTE, M. **Síndrome de Down**: um estudo sobre inclusão escolar na rede pública do ensino fundamental na cidade de Araraquara-SP. 2003. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação escolar**: comum ou especial. São Paulo: Pioneira, 1989.

\_\_\_\_\_. **Muito prazer eu existo**. Rio de Janeiro: WVA, 1993.

SCHWARTZMAN, J. S. (Org.). **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 1999.

THOMPSON, Margaret; MCLNNES, Roderick; WILLARD, Huntingoton. **Thompson & Thompson Genética Médica**. 5ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A. 1993.

VOIVODIC, M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down**. Petrópolis: Vozes, 2004.